

LACERDA, Brazilia Oliveira. *Dias ensolarados no Paraizo*. São Paulo: Chão Editora, 2020. 103 p.

Christini Roman de Lima¹

Os dias ensolarados de Brazilia Oliveira Lacerda

Dias ensolarados no Paraizo: Memórias é o relato das reminiscências de Brazilia Oliveira Lacerda, descendente de cafeicultores paulistanos do final do século XIX e início do XX. A narrativa envolve a infância e a juventude dessa garota, aliada à formação da fazenda Paraizo. O período das memórias transita, especificamente, entre os anos de 1893 até 1906, ou seja, da chegada da família às terras de São Carlos do Pinhal, no interior de São Paulo, até o casamento com o primo em segundo grau, Carlos Amadeu de Arruda Botelho. Essas memórias foram transformadas em livro depois da descoberta de diversos cadernos com recordação, encontrados pela família após morte da autora: "[q]uando morreu, em 1966, aos 79 anos, deixou na gaveta diversas recordações da vida, preservadas em pequenos cadernos pautados, preenchidos de próprio punho" (2020, orelha do livro).

Dias ensolarados no Paraizo, nesse sentido, é o resultado de um projeto da Chão Editora que tem por objetivo instigar "o estudo da memória nacional mediante a publicação, principalmente, de fontes primárias, ou seja, relatos, diários, cartas, depoimentos, memórias e crônicas de viagem (...) dando voz a indivíduos das mais variadas extrações sociais" (Chão Editora, 2020). A editora propõe uma conexão entre história e literatura, para que o leitor se aproxime dos textos e documentos "que representam diferentes modos de viver e pensar, em especial do Brasil do século XVIII ao início do século XX" (Chão Editora, 2020).

O objeto da escrita de Brazilia é a trazer à tona a memória afetiva da fazenda, mas também a memória de sua infância e juventude. O relato compõe, além disso, uma perspectiva esquecida, de um tempo e um espaço domésticos e privados: a fazenda

¹ Mestre e Doutora em Literatura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).



https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria V. 17, n.1 – 2020 Dossiê Literatura, Raça e Etnia

cafeeira, ou melhor, o interior da fazenda visto pelos olhos de uma mulher. Outrossim, a emergência das memórias da vida miúda e insignificante (insignificante porque, mesmo compondo a elite paulistana do final do século XIX e início do século XX, por ser mulher estava inserida no elenco de "vidas sem interesse" – para além das modas e das coqueterias nos salões –, propriamente por ser elemento da ordem privada, parte da propriedade paterna), é necessária num tempo em que o passado é menosprezado e a experiência perde cada vez mais sua relevância ou significado.

Brazilia nasceu em 1887 e fazia parte da elite agrária paulistana do final do século XIX e início do XX. Era bisneta do barão do Rio Claro, neta do barão de Arary, nora do conde do Pinhal (2020, orelha livro) e filha mais velha (de cinco filhos) de um cafeicultor do interior de São Paulo. Teve sua alfabetização iniciada pela mãe, Elisa – Whitaker, em solteira. Aos dez anos, iniciou os estudos com uma professora, uma senhora alemã. Ficou noiva em 1905 e casou-se em 1906.

O relato da protagonista é composto, assim, por três cadernos manuscritos e narrado em primeira pessoa, a partir do ângulo retrospectivo da senhora que olha para o passado de forma nostálgica. Não há referência direta sobre o momento do enunciado, entretanto, depreende-se que a perspectiva se dá com significativa distância temporal, porque ela comenta que os jovens de então já são avós no presente do relato: "pois hoje os netos, que são todos distintos, não gostariam de ouvir falar" (p. 38). *Dias ensolarados no Paraizo*, assim como o próprio subtítulo evidencia, é um livro de memórias, mas não de confissões: não há expansões subjetivas, e a linguagem e os fatos são descritos de forma objetiva e contida. Ademais, a narração intercala lembranças pessoais com fatos históricos – sem grande preocupação com o encadeamento das matérias discorridas, mas acompanhando o ritmo a que tais fatos surgiam em seu pensamento:

Descia-se na estação de São Carlos, e seguíamos de trole para o Paraizo. Não me lembro em que ano, talvez em 1896, havia grande epidemia de febre amarela, no Rio, em Santos, São Paulo, e várias cidades do interior. São Carlos também tinha a tal febre, então papai nos fez mudar de trem na estação, para o ramal de Água Vermelha (...). Nessa temporada de São Paulo os nossos passeios eram, de manhã, no Jardim Público da Luz (p. 37).



https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria V. 17, n.1 – 2020 Dossiê Literatura, Raça e Etnia

O relato principia aos seis anos da protagonista. As reminiscências distantes unem-se às memórias coletivas para preencher os espaços vazios da memória individual a fim de configurar a vida pretérita e o Paraizo de sua meninice. A formação da propriedade é concomitante à formação da menina da fazenda:

(...) ao começarem era só uma grande mata, onde fizeram os ranchos e plantaram os primeiros cafezais.

Preciso pedir ao José Lacerda, as datas e os dados todos, do começo da fazenda.

[...] se tinha cal, nesse reboque eu não sei. Não tenho mais ninguém daquele tempo para me contar (p. 13).

Os "dias ensolarados" são recontados com riqueza de detalhes, a partir de uma descrição minuciosa. O leitor percorre, junto com a narradora, os lugares por que a garota passou, os cômodos da casa, as brincadeiras, os passeios com a mãe e com as preceptoras, enfim, recria em conjunto com a autora as cenas do cotidiano descrito – sendo capaz de imaginar o cheiro dos biscoitos preparados. Outro aspecto formal a ser pontuado é a presentificação da memória sentimental por meio do discurso indireto livre:

Com uma pá de cabo bem comprido, colocava-se no forno de uma em uma, todas aquelas folhas com biscoitos. Tampava e uns vinte minutos depois abria para espiar! Os biscoitos já haviam crescido e grudado uns nos outros, mas faltava corar, *feche* depressa o forno, não pode tomar vento, **abra** agora o suspiro do forno. Mais alguns minutos; estava *tudo* bem corado! bem crescidos. *Deixa* mais um pouco para secar. Então com uma varinha, metia-se no forno fisgando pelo buraco do biscoito e levantava, lá vinha uma penca, outra penca (p. 15. Grifos nossos).

Além disso, o relato é cercado pela oposição entre um antes – instante do enunciado – e o hoje – instante da enunciação: "naquele tempo, havia sempre uma pequena diferença entre os grandes e os pequenos. As cadeiras melhores, os doces mais finos, o filé, o peito da galinha! Primeiro serviam-se os pais. Hoje... vejo crianças na mesa, dizerem logo: só quero carne branca" (p. 26 e 27). Tanto a presentificação, quanto a oposição entre os tempos do discurso conferem um caráter oral ao texto.

O primeiro caderno, portanto, concentra-se na fazenda, nas rotinas cotidianas, nos trabalhadores, nos irmãos Vangila, Asdrubal (o Loti) e Bilu – e relatará mais tarde o



https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria V. 17, n.1 – 2020 Dossiê Literatura, Raça e Etnia

nascimento da irmã mais nova, Marocas. A fazenda cresceu, acompanhando o desenvolvimento da garota. O segundo caderno principia com a mudança para a casa nova construída no local, o ano era 1897. A modernização do local é marcada muitas vezes em contraponto: iluminação de lampiões à querosene, passando por gás acetileno, até a chegada da eletricidade; para mais, destaca que: "[o] que era primitivo e péssimo eram os... sanitários; só havia fossas, com uma banca de madeira em cima, e dentro de uma casinha. Uma lá do lado do corredor da casinha para os empregados, e uma no terreirinho para nós" (p. 19).

No segundo caderno destacam-se as estadas em São Paulo. As ruas ganham relevo em sua descrição pormenorizada. Como parte da elite, relembra nomes influentes e com títulos de nobreza, parentes, entre outros aspectos da capital paulista. Compõe um cenário que não mais existia no presente da narrativa. Mas será sobre o Paraizo que ela buscará se deter: "Voltemos a relembrar a vida calma e boa do Paraizo" (p. 41).

Em 1902 nasceu Maria José, a Marocas. O ano de 1904 marcaria o início do encantamento pelo futuro esposo, Amadeo – primo-irmão de sua mãe. O terceiro caderno pautará, nesse sentido, as visitas do rapaz à fazenda e à casa de São Paulo até o pedido de casamento, realizado no dia 17 de março de 1905. O noivado durou três meses; casaram-se em março de 1906. Brazilia contava dezoito anos e Amadeo vinte e nove, mas, para os documentos, o pai da jovem modificou as idades (para 19 e 28 anos, respectivamente); necessitaram também de uma licença especial do Cúria por serem primos.

O período em que a narrativa se passa é o da expansão do cultivo do café e, tal qual salienta Jorge Caldeira no posfácio (2020, p. 41), é apresentado pelo ponto de vista feminino; ou seja, o olhar se dá a partir do ângulo da vida doméstica. Por exemplo, a derrubada da mata para aumentar os cafezais e a subsequente queimada são vistas à distância, da casa grande: "Vimos todo o fogo. Um espetáculo bonito, mas selvagem e assustador" (p. 41). A lembrança, não obstante, é afetiva, porque atrelada à morte do cachorrinho de estimação, Maroto.

Cabe salientar que a fazenda possuía muitos empregados, Brazilia cita várias moças que trabalharam nos afazeres domésticos, mas fala de poucos trabalhadores dos cafezais. Nesse relacionamento entre patrões e empregados, ela reflete sobre diferenças



https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria V. 17, n.1 – 2020 Dossiê Literatura, Raça e Etnia

sociais (entretanto, sem grande aprofundamento): "Mas hoje quando eu penso como era, eu estranho. Papai nunca fazia entrar, nem sentar-se esses empregados. (...) aquela conversa era só para dar ordens para o dia seguinte, e fazia rápido" (p. 34).

A narradora fala ainda do aparato utilizado na fazenda, quando esta já tem um grande cafezal (duzentos mil pés). A estrutura era formada por "serviço a parceria", chamado de "trato a meia", em que os empregados se estabeleciam nas terras do patrão e durante cinco anos eram obrigados a cuidar do cafezal. Eles podiam plantar cultivares como milho e feijão, sendo deles o produto: "E o café também, mas o café me parece que só até o quarto ano e que o quinto ano já era para a fazenda, isso não me lembro bem" (p. 44-45). A gama de trabalhadores apresentada demonstra a configuração dos braços de trabalho assalariado utilizados no período: atuavam ao mesmo tempo antigos escravos e a mão-de-obra imigrante europeia, sobretudo italianos.

A questão racial, a desigualdade social e o arbítrio também são percebidos no texto: a empregada negra, a preta Delfina e o seu "vício de embriagar-se", é motivo de riso para as crianças, assim como Manoela, moradora da Coloninha – cinco casas em que habitavam apenas negros –, com os seus "figurinos daquele tempo", desencadeava "ataques de riso" na mãe das crianças. Esta, além disso, agrediu com o chicote de montar do marido uma jovem portuguesa, filha do carroceiro da região, que lhe respondeu de forma atravessada.

A diferença social é vista ainda desde as janelas da casa das vizinhas e amigas da protagonista, as Almeida Prado — em que apenas as filhas da elite paulistana frequentavam: elas bisbilhotavam, através janela da casa em frente, "umas mocinhas muito bonitas" (observadas pelo reflexo no espelho da casa), que ficavam em casa vestidas de modo inapropriado, "para economizar roupa", acredita a narradora. Essas moças pertenciam a uma família modesta; a mãe cozinhava, elas costuravam e não tinham empregadas. Conclui-se, com isso, que a diferença de classe afastava as duas esferas, o que é grifado pela narradora: "nunca soube o nome das tais" (p. 40). O casamento entre família — como o de Brazília com o primo-irmão de sua mãe — é mais um dos elementos desse distanciamento de classes. Brazilia destaca que na época, 1903 ou 1904, a "primeira classe era toda conhecida, e quase que todos parentes" (p. 56).



https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria V. 17, n.1 – 2020 Dossiê Literatura, Raça e Etnia

O segundo caderno de memórias termina com Brazilia encantada pelo jovem "prosador" que será o futuro marido. Já o terceiro tem início com a visita dele ao Paraizo. As duas menções ao futuro esposo são seguidas do comentário de que a vida continuou após estar com o rapaz. Brazilia grifa que já estava muito encantada; mantinha-se, "porém, calma, paciente e esperançosa" (p. 54). Nesse trecho convém uma conjectura: as referências a Amadeo, que não passam de algumas anotações sobre as visitas e sobre um comentário arrebatado dele (exclamando que a achara "corajosa" e "espertinha" – porque ela não teve medo de segurar um revolver), e a prudência quanto ao entusiasmo com o possível enlace, ajustado ao estilo contido e moderado do texto de Brazilia, estabelecem pequenos desvios de leitura: dizer que a vida seguia, logo após as visitas do rapaz, sugerem que (ao contrario do que refere) tanto ela, quanto a família estavam cheios de expectativas com a possibilidade da aliança e que, apesar disso, a vida tinha de seguir – e três anos se passaram nessa perspectiva.

O relato dessa senhora, dentro desse contexto, é pautado pela minúcia, mas também pelo decoro – ainda mais que supõe uma possível publicação desses cadernos. Ao rememorar o "Progredior", um local em São Paulo frequentado majoritariamente por homens, Brazilia manifesta o julgamento moral em torno da mulher de "muito boa família" que circulava pelo estabelecimento; assim como aborda, nesse trecho, a possibilidade de que os manuscritos fossem lidos por pessoas da família dessa senhora:

Na sala grande só ficavam homens tomando cerveja, mas havia uma senhora, de muito boa família, que costumava lá ir. Logo as máslínguas a apelidaram: "a Fiscal do Progredior". Sei muito bem o nome, mas não deixo aqui, pois hoje os netos, que são todos distintos, não gostariam de ouvir falar. Talvez esses mais moços, nem saibam da fama da avó (p. 38).

Por fim, conclui-se que o Paraizo é parte essencial da sua existência: ambiente solar do percurso da menina e da jovem que foi. A explanação, para mais, deixa entrever uma leve sombra – apenas pressentida nos comentários objetivos, distantes de qualquer subjetivismo ou confissão – na vida de casada. A narradora expõe que o marido sempre foi amigo e bom para seus pais e irmãos, mas menciona "algumas esquesitices ou exigências" dele que eram desculpadas pela mãe. Aponta também o



https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria V. 17, n.1 – 2020 Dossiê Literatura, Raça e Etnia

caráter formal com que passou a tratar Elisa, chamada de Elisinha antes da união, designada, então, como "minha sogra". Brazilia deixa a casa da infância e encerra os manuscritos: "Em poucos dias já estava tudo arrumado e aquela casinha modesta, tão diferente da casa de meus pais, me deu tanta felicidade, anos da minha vida" (p. 68). Sua história, assim, pautou-se pelos locais de morada, nos quais o Paraizo é sítio luminoso de retorno e de saudade.

Referências

CALDEIRA, Jorge. Posfácio. In.: LACERDA, Brazilia Oliveira. *Dias ensolarados no Paraizo*. São Paulo: Chão Editora, 2020.

Chão Editora. Chão. Disponível em: https://www.editora34.com.br/areas.asp?chao=1. Acesso em: 08 jun. 2020.

LACERDA, Brazilia Oliveira. *Dias ensolarados no Paraizo*. São Paulo: Chão Editora, 2020.